



# Busca por informações sobre medicamentos entre alunos do ensino médio de uma escola pública

## *Sources of information on medicines taken by high school students of a public school*

Thales Brandi Ramos<sup>1</sup>, Selma Rodrigues de Castilho<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Administração e Gestão da Assistência Farmacêutica (UFF) e Doutorando em Ciências Aplicadas a Produtos para Saúde na Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói (RJ), Brasil; <sup>2</sup> Doutorado em Engenharia Biomédica pela COPPE/UF RJ. Professora titular da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói (RJ), Brasil.

\*Autor correspondente: Thales Brandi Ramos - E-mail: [tbalesbrandi980@gmail.com](mailto:tbalesbrandi980@gmail.com)

### RESUMO

Este estudo buscou identificar fontes de informações sobre medicamentos entre alunos do Ensino Médio e discutir o papel da Internet nesse processo. Trata-se de uma pesquisa transversal de prevalência, descritiva e analítica realizada com 232 estudantes de uma escola pública do Rio de Janeiro. A maior parte (75,86%) respondeu ter acesso a tais informações no ambiente escolar, principalmente pelos professores (32,48%). Os profissionais de saúde foram identificados como a maior fonte (42,67%). Na Internet, a ferramenta mais citada foi o YouTube (32,03%). Entre os alunos que recorrem à web como fonte de informação, a maior parte (76,36%) usou medicamentos nos 15 dias anteriores, não foi orientada (60,00%) e se automedica regularmente (44,55%). Os resultados ressaltam o papel da Internet como fonte de informação, apesar da falta de mecanismos de regulação a respeito do que é veiculado, o que pode comprometer o uso racional de medicamentos.

**Palavras-chave:** Internet. Tecnologias da informação. Uso de medicamentos. *YouTube*.

### ABSTRACT

Current paper identifies sources of information on medicines among high school students and discusses the role of the Internet in this process. Cross-sectional, descriptive and analytical survey was conducted with 232 students from a public school in Rio de Janeiro, Brazil. Most students (75.86%) said they had access to information about medicines at school, mainly by teachers (32.48%). Health professionals were identified as the biggest source (42.67%), whereas on the Internet, the most cited tool was *YouTube* (32.03%). Among students who use the Internet as a source of information, most (76.36%) had used medication in the previous 15 days, did not receive any instructions (60.00%) and regularly self-medicated (44.55%). Results highlight the role of the Internet as a source of information, despite the lack of regulatory mechanisms on what is disseminated, which may compromise the rational use of medicines.

**Keywords:** Internet. Information technology. Drug utilization. *YouTube*.

*Recebido em Junho 01, 2020*

*Aceito em Novembro 15, 2020*

## INTRODUÇÃO

O uso racional de medicamentos acontece quando os pacientes recebem esses produtos de acordo com suas condições clínicas, em doses adequadas, por um período determinado e com menor custo para si e para a comunidade. O uso inadequado pode levar a quadros de intoxicações graves, agravo e mascaramento de doenças, efeitos indesejáveis, além de interações medicamentosas<sup>1</sup>.

No Brasil, de acordo com o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas, 25,18% das intoxicações estão relacionadas ao uso de medicamentos, e 17,4% dos casos ocorrem na população entre 10 e 19 anos<sup>2</sup>. Considerando-se que, conforme indica a Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM)<sup>3</sup>, 30,6% das pessoas em tal faixa etária fazia uso deles, é razoável supor que os alunos de Ensino Médio – pela idade que, em sua maioria, têm – também representem grupo mais exposto a problemas decorrentes dessa utilização.

A discussão sobre o uso de medicamentos por essa população ainda é limitada na literatura, e há ainda carência de estudos acerca de seu perfil de uso. Igualmente restrita é a reflexão a respeito das fontes de informações desses produtos utilizados por estudantes nessa faixa etária. O acesso à informação foi revolucionado com o surgimento da Internet: dados recentes revelam que pouco mais de quatro bilhões de pessoas têm acesso à rede, alcançando cerca de 55% da população mundial<sup>4</sup>. No Brasil, aproximadamente 70% das residências a utilizam nas quase 48 milhões de casas visitadas<sup>5</sup>.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são novas ferramentas que mesclam o uso de tecnologias com a aprendizagem, facilitando a comunicação e melhorando o alcance da informação<sup>6</sup>. Além disso, atuam com eficiência na promoção de saúde dos adolescentes, mesmo que não haja grande produção científica nacional sobre o assunto<sup>7</sup>.

A TIC *Kids Online* Brasil<sup>8</sup> é uma pesquisa nacional realizada anualmente com o intuito de mapear as TIC, produzindo indicadores acerca do acesso à

rede por crianças e adolescentes (9 a 17 anos). De acordo com a última edição, 86% dessa população são usuários da rede, e 74% fazem uso dela para pesquisa que envolva trabalhos escolares.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é identificar as principais fontes de informações sobre medicamentos entre os alunos e discutir o papel da Internet nesse processo.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa transversal de prevalência, descritiva e analítica. Os participantes foram estudantes do Ensino Médio, modalidade regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA), dos turnos diurno e noturno, regularmente matriculados em uma escola da rede pública estadual com 800 alunos localizada em uma cidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Para o estudo, realizado entre junho e agosto de 2019, foi empregado o percentual descrito na PNAUM<sup>4</sup> de uso de medicamentos pela população de 10 a 19 anos, erro amostral de 5% e nível de confiança de 95%; estabeleceu-se uma amostra necessária de 232 alunos<sup>9</sup>.

Os estudantes foram previamente informados sobre o objetivo e o cronograma da pesquisa, e aqueles que desejaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – os menores de 18 anos precisaram, ainda, apresentar autorização dos responsáveis para tomar parte do estudo. Em seguida, responderam de maneira anônima os questionários semiestruturados que estavam disponíveis *online* na ferramenta *Google Formulário*; eles utilizaram a sala de informática da escola para realizar essa tarefa.

O questionário foi dividido em três blocos: o primeiro abordava questões sociodemográficas, com perguntas sobre gênero, idade e turno; o segundo tratava acerca de uso de medicamentos (regularmente e nos 15 dias anteriores), orientação para utilização e frequência de automedicação; e o terceiro trazia a questão da informação a respeito de medicamentos na escola (como isso ocorria) e também na Internet

(principais canais e páginas pesquisadas). Todas as respostas foram exportadas para planilhas do programa *Microsoft Excel*® 2013, passando por análises descritivas simples.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Fluminense (UFF), registrada com o número CAEE: 10003519.0.0000.5243 sob parecer nº 3.302.332 em 03/05/2019 e obedeceu aos aspectos ético-legais vigentes na legislação brasileira para pesquisa com envolvimento de seres humanos.

## RESULTADOS

O estudo obteve a participação de 232 alunos do Ensino Médio, dos quais 165 (71,12%) frequentam o turno da manhã e 142 (61,21%) são do gênero feminino. A idade variou entre menos de 14 e mais de 20 anos (Tabela 1).

**Tabela 1.** Perfil dos estudantes que participaram da pesquisa. Queimados (RJ), abril 2020. (n = 232)

Gênero	N	%
Masculino	90	38,79
Feminino	142	61,21

Idade	N	%
14 ou menos	2	0,86
15	20	8,62
16	50	21,55
17	48	20,69
18	61	26,29
19	22	9,48
20 ou mais	29	12,50

Turno	N	%
Manhã	165	71,12
Noite	67	28,88

Fonte: Elaborada pelos autores.

## USO DE MEDICAMENTOS

No que se refere ao uso regular de medicamentos, 74 (31,90%) alunos responderam de maneira positiva. Esse percentual foi maior em relação ao uso nos 15 dias anteriores, com 179 alunos (77,16%) sinalizando nessa direção.

A automedicação foi avaliada em quatro frequências, e a maior parte dos participantes (40,09%) afirmou “quase nunca” a praticarem, e 76 (32,76%), “muitas vezes”. Os motivos mais citados para essa conduta envolviam alívio de dores (63,09%), alergia (17,35%) e alívio de tensões e estresse (10,41%) (Tabela 2).

**Tabela 2.** Uso de medicamentos pelos estudantes que participaram da pesquisa. Queimados (RJ), abril 2020. (n = 232)

Uso regular	N	% (intervalo de confiança*)
Sim	74	31,90 (26,90 – 36,90)
Não	158	68,10 (63,1 – 73,1)

Uso nos 15 dias anteriores	N	% (intervalo de confiança*)
Sim	179	77,16 (72,16 – 82,16)
Não	53	22,84 (17,84 – 27,84)

Automedicação	N	% (intervalo de confiança*)
Nunca	22	9,48 (4,48 – 14,48)
Quase nunca	93	40,09 (35,09 – 45,09)
Muitas vezes	76	32,76 (27,76 – 37,76)
Sempre	41	17,67 (12,67 – 22,67)

Motivos para automedicação	N	% (intervalo de confiança*)
Alívio de dores	200	63,09 (58,09 – 68,09)
Alergia	55	17,35 (12,35 – 22,35)
Alívio de tensões e estresse	33	10,41 (5,41 – 15,41)
Combate a doenças	24	7,57 (2,57 – 12,57)
Outros	5	1,58 (0,00 – 6,58)

\* margem de erro: 5%

Fonte: elaborada pelos autores.

## INFORMAÇÃO SOBRE MEDICAMENTOS

A informação sobre medicamentos na escola foi verificada por 176 respondentes (75,86%), principalmente na forma de aula com professores (32,48%),

trabalhos feitos (28,21%) e palestras (25,64%). As principais fontes foram os profissionais de saúde (42,67%), algum familiar (33,62%) e Internet (23,71%) (Tabela 3).

**Tabela 3.** Fontes de informação sobre medicamentos pelos estudantes que participaram da pesquisa. Queimados (RJ), abril 2020. (n = 176)

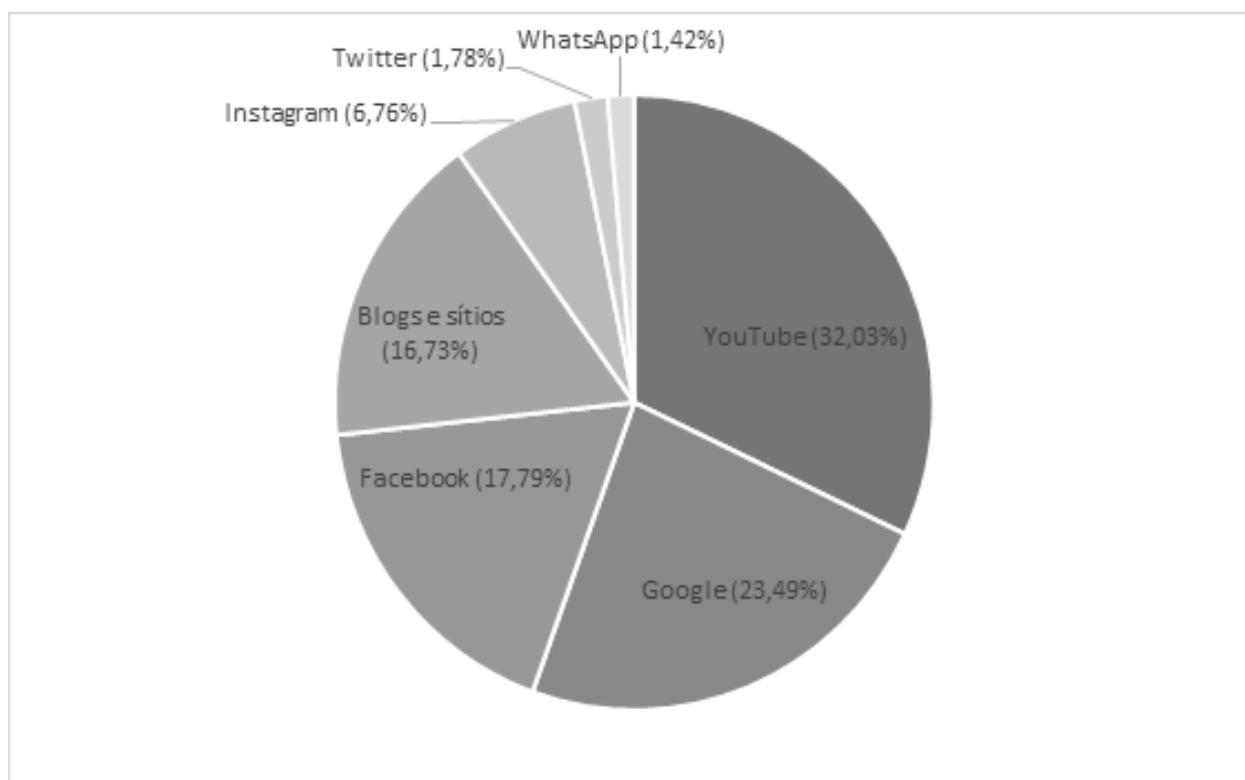
Informação sobre medicamentos	N	% (intervalo de confiança*)
<b>Na escola</b>		
Sim	176	75,86 (70,86 – 80,86)
Não	56	24,14 (19,14 – 29,14)
<b>Forma*</b>		
Professores	38	32,48 (27,48 – 37,48)
Trabalhos feitos pelos alunos	33	28,21 (23,21 – 33,21)
Palestras	30	25,64 (20,64 – 30,64)
Vídeos	16	13,68 (8,68 – 18,68)
<b>Principal fonte</b>		
Profissional de saúde	99	42,67 (37,67 – 47,67)
Familiar	78	33,62 (28,62 – 38,62)
Internet	55	23,71 (18,71 – 28,71)

\* os alunos poderiam escolher mais de uma opção

\*\* margem de erro: 5%

Fonte: elaborada pelos autores.

Como pode ser observado no Gráfico 1, a informação na *web* foi reportada, principalmente, em canais do *YouTube* (32,03%), pesquisas no *Google* (23,49%) e *Facebook* (17,79%).



**Gráfico 1.** Principais fontes de informação sobre medicamentos na Internet citadas pelos alunos. Queimados (RJ), abril 2020. (n = 232)

Os participantes poderiam citar alguma página ou canal que viesse à memória e no qual costumassem pesquisar ou obter informações sobre o assunto. Entre os mais citados estão o programa de TV Bem-Estar (14,29%) e as páginas Saúde Brasil (8,57%) e Tua Saúde (8,57%).

A relação entre o uso de medicamentos e a busca de informações está apresentada na Tabela 4.

Entre os alunos que têm a Internet como fonte de informação (n = 55), 89,09% não fazem uso regular de medicamentos, ao passo que 76,36% recorreram a algum medicamento nos 15 dias anteriores à pesquisa. Sobre automedicação, a maioria (54,55%) afirmou adotar essa conduta “muitas vezes” (34,55%) ou “sempre” (20,0%).

**Tabela 4.** Internet como fonte de informação sobre medicamentos e uso de medicamentos. Queimados (RJ), abril 2020

(Continua)

Internet como fonte de informação sobre medicamentos	N	% (intervalo de confiança*)
<b>Uso regular de medicamentos (n = 55)</b>		
Sim	6	10,91 (5,91 – 15,91)
Não	49	89,09 (84,09 – 94,09)
<b>Orientação para uso regular (n = 6)</b>		
Sim	4	66,67 (61,67 – 71,67)
Não	2	33,33 (28,33 – 38,33)

(Conclusão)

Internet como fonte de informação sobre medicamentos	N	% (intervalo de confiança*)
<b>Uso de medicamentos nos 15 dias anteriores (n = 55)</b>		
Sim	42	76,36 (71,36 – 81,36)
Não	13	23,64 (18,64 – 28,64)
<b>Orientação para uso nos 15 dias anteriores (n = 40)</b>		
Sim	16	40,00 (35,00 – 45,00)
Não	24	60,00 (55,00 – 65,00)
<b>Automedicação (n = 55)</b>		
Nunca	7	12,73 (7,73 – 17,73)
Quase nunca	18	32,73 (27,73 – 37,73)
Muitas vezes	19	34,55 (29,55 – 39,55)
Sempre	11	20,00 (15,00 – 25,00)

\* margem de erro: 5%

Fonte: elaborada pelos autores.

## DISCUSSÃO

Apesar de os profissionais de saúde terem sido apontados como principal fonte de informação sobre medicamentos, o farmacêutico é pouco descrito na literatura como um dos orientadores do uso racional deles. Uma pesquisa recente a respeito de cuidados em saúde, envolvendo jovens portugueses, mostrou que ele ocupava o terceiro lugar (18,2%) entre os profissionais a que essa população recorria para ajuda<sup>10</sup>.

Nesse cenário, é importante destacar a postura do farmacêutico em ações que promovam o uso racional de medicamentos dentro dos estabelecimentos privados, fornecendo informações baseadas em evidências clínicas que contribuam para a prescrição racional e o uso seguro dos medicamentos. Após a análise de artigos que tratam de educação em saúde e uso racional de medicamentos, alguns pesquisadores chegaram à conclusão de que pouco se fala acerca do assunto na escola, apenas se referindo a questões de prática curativa<sup>11</sup>. Os dados deste estudo, entretanto, revelaram que a maior parte dos alunos obtém infor-

mação sobre medicamentos na escola, principalmente pelos professores e em trabalhos realizados.

Fora da escola, observou-se em outro trabalho a influência dos pais: eles foram identificados como os mais importantes protagonistas na recomendação, indicação e informação sobre medicamentos<sup>12</sup>. Alguns estudos mostraram que as mães ocupam papel central nesse processo; por outro lado, aquelas que possuem maior nível de escolaridade apresentam maior consumo regular de medicamentos, influenciando os filhos<sup>13,14</sup>.

A Internet vem sendo apontada em diversos estudos como uma das principais fontes para se obterem informações sobre saúde<sup>15,16</sup>. Em entrevista com gestantes, percebeu-se o uso de algum medicamento por 39% delas quando se descobriram grávidas, e 79% destas utilizaram a internet como fonte de busca a respeito da segurança desses produtos<sup>17</sup>. Pesquisa feita na França com 103 pessoas observou que 46,6% delas recorriam à rede à procura desse tipo de informação, apesar de 60% terem reportado que primeiro se consultam com um profissional de saúde<sup>18</sup>.

A fonte de informações mais citada pelos alunos foi o *YouTube*, rede social de compartilhamento de vídeos que vem se destacando como ferramenta útil de aprendizado, principalmente na área da saúde<sup>19</sup>. Uma hipótese para explicar esse resultado está no fato de que grande parte das pesquisas feitas na ferramenta *Google* acusam primeiramente vídeos para, depois, apresentar páginas relacionadas ao assunto, levando o usuário a preferir assistir ao vídeo que responda sua dúvida, em vez de ler um texto. Recentemente, um relatório liberado pela própria empresa apontou que 79% dos entrevistados preferem ter acesso ao conteúdo em vídeo a obter informações na forma de texto<sup>20</sup>.

Pesquisadores já relataram que *YouTube* era a rede social de maior preferência entre adolescentes europeus de 9 a 16 anos, e britânicos de 12 a 15, o que não acontecia com os jovens americanos, que preferiam *Instagram*<sup>21</sup>. No Brasil, a plataforma soma mais de 95 milhões de pessoas conectadas, e 95% da população brasileira acessa o site pelo menos uma vez por mês<sup>20</sup>.

Sobre saúde, *YouTube* não apresenta link no menu de opções disponíveis, porém ao se buscarem vídeos acerca do tema, é possível encontrar mais de 190 mil resultados, a maior parte relacionados a órgãos oficiais e profissionais de saúde<sup>22</sup>. Em uma revisão sistemática, pesquisadores observaram que essa plataforma está sendo cada vez mais usada para disseminar informações a respeito de saúde, tanto com vídeos oficiais de órgãos governamentais quanto de usuários leigos<sup>23</sup>.

O relatório elaborado pela própria rede apontou que 59% dos entrevistados acreditam se atualizar melhor pelos vídeos do que pelas notícias em programas de TV e que 31% consideram *YouTube* como fonte de aprendizado<sup>20</sup>. Outros autores apontam que o uso de vídeos com conteúdo educativo pode auxiliar no processo de formação de estudantes e profissionais de saúde mediante a disseminação de informações pertinentes<sup>24</sup>.

A plataforma possui grande importância na divulgação de vídeos com conteúdos educativos, atuando de maneira positiva no processo de ensino-aprendizagem<sup>25</sup>, inclusive na promoção da saúde

por órgãos oficiais. A análise de vídeos postados por departamentos de Saúde Pública dos Estados Unidos mostrou que essas instituições utilizavam *YouTube* para promover a própria agência ou informar a população sobre ações dela, bem como acerca de doenças comunicáveis e saúde da mulher e da criança<sup>26</sup>. Outro estudo, envolvendo adolescentes no Equador observou que a plataforma incentiva a criatividade, melhora positivamente as relações, ativa a empatia e promove interação social entre essa população<sup>27</sup>.

Entretanto, convém lembrar que nem todas as informações disponíveis na Internet têm credibilidade. Em uma pesquisa de vídeos sobre diagnóstico de câncer de próstata, foi encontrada baixa qualidade daquilo que é divulgado, com conteúdos potencialmente equivocados<sup>16</sup>.

Ao encontrar diversos materiais com dados enganosos sobre o vírus que causa zika, pesquisadores sugeriram caminhos que a plataforma poderia seguir para evitar esses casos, como: recomendação de vídeos informativos e marcação daqueles com conteúdos duvidosos por órgãos oficiais; e introdução de filtros de qualidade no mecanismo de busca, com mudança no algoritmo para que as produções confiáveis possam ser os primeiros resultados encontrados<sup>15</sup>. Em revisão da literatura, autores compararam diferentes métodos de análise de vídeos do *YouTube* em relação à eficácia, à fidelidade e à qualidade da informação dada ao paciente. Não foi encontrado mecanismo concreto de avaliação da qualidade, mas sim a preocupação em descrever os tipos de conteúdos que estão sendo acessados e sua confiabilidade<sup>28</sup>.

A página “Saúde Brasil”, sítio ligado ao Ministério da Saúde que traz dicas de saúde e qualidade de vida, foi citada como fonte de informação por grande parte dos alunos. A página “Tua Saúde” é um dos primeiros resultados em buscas por informações sobre saúde e apresenta o selo *Health On Net Foundation* (HON), que certifica a qualidade do sítio eletrônico em relação a sete princípios básicos: autoridade, complementaridade, confidencialidade, atribuições, justificativas, transparência e honestidade da publicidade<sup>29</sup>. Entretanto, um estudo anterior já havia identificado que mesmo aquelas com a certificação HON

apresentam problemas relacionados à qualidade da informação<sup>30</sup>.

Apesar de terem sido assegurados a privacidade na resposta e o tempo necessário para a finalização do questionário – o que visava a minimizar possíveis receios ou constrangimentos em relação ao instrumento –, é possível que alguns aspectos tenham sido subestimados, constituindo uma das limitações do estudo. A realização em uma única escola também pode ter representado outra limitação.

### APLICAÇÕES PRÁTICAS

Incluir a temática do uso de medicamentos nas escolas se torna ainda mais necessário em um contexto no qual as intoxicações e problemas causados por eles têm crescido cada vez mais entre a população. Com isso, este trabalho buscou entender onde os alunos buscam informações sobre esses produtos, de modo que, em seguida, pudessem ser realizadas intervenções ou melhorias nesse processo.

Com base nos dados coletados, realizaram-se palestras – tanto na escola em que a pesquisa se deu quanto em outros ambientes de ensino –, ministradas pelo pesquisador responsável, que é farmacêutico e também professor da educação básica. Sob o foco no uso racional de medicamentos e riscos da automedicação, os conceitos básicos foram apresentados, e os dados da pesquisa, compartilhados, além de grande parte do tempo ter sido reservado para perguntas dos alunos.

Sobre a importância da Internet como fonte de informações, estes achados ajudam a corroborar futuros estudos que busquem avaliar a qualidade da informação na *web*, principalmente nas redes sociais mais citadas, como é o caso do *YouTube*, que não possui mecanismos de avaliação próprios.

### CONCLUSÃO

Os resultados deste trabalho indicam que os alunos tendem a procurar profissionais de saúde e familiares para se informar sobre medicamentos. Mesmo assim, parte deles utiliza a Internet como fonte de

informações, reforçando a preocupação com a qualidade daquilo que é veiculado na rede.

Por isso, torna-se oportuna a possibilidade de apropriar-se do ambiente escolar como instância de discussão do uso racional de medicamentos e dos riscos da automedicação. Essa relevância é ainda maior quando se considera que a escola é um espaço que alcança também as famílias e a comunidade inserida naquela situação. Tendo-se a saúde como um tema multidisciplinar, a reflexão a respeito do uso de medicamentos pode ser inserida de forma a conscientizar a juventude acerca dos riscos da automedicação, o papel dos medicamentos nas intoxicações nessa faixa etária e os hábitos relevantes na promoção da saúde.

Apesar de sua importância, o profissional farmacêutico ainda não possui presença marcante na educação em saúde sobre essa temática nas escolas. O papel dele ganha especial relevância por conta da possibilidade de levar seu conhecimento sobre o assunto, seja dentro do calendário normal de aulas, seja em projetos especiais (eventos, jornadas, seminários etc.) que abordem esses cuidados.

Nos ambientes virtuais, apesar de existirem mecanismos de avaliação da qualidade da informação na Internet, estes não são amplamente utilizados, principalmente no Brasil, e muitos ainda assim apresentam problemas na garantia dessa qualidade.

Os próprios sítios eletrônicos podem procurar maneiras alternativas de certificar seu conteúdo, trazendo maior confiabilidade para aquilo que está sendo apresentado. Ainda, os usuários mesmos podem tomar ações individuais de checagem das informações, como pesquisa em páginas de instituições de educação, profissionais de saúde ou fontes oficiais do governo.

### REFERÊNCIAS

1. Conference of Experts on the Rational Use of Drugs. The rational use of drugs: report of the Conference of Experts [Internet]. Nairóbi: World Health Organization; 1985 [citado em 2020 mar. 20]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/37174>

2. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Estatística Anual de Casos de Intoxicação e Envenenamento [Internet]. Rio de Janeiro; 2017 [citado em 2020 mar. 20]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/sinitox>
3. Bertoldi AD, Pizzol TSD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, Tavares NUL, et al. Sociodemographic profile of medicines users in Brazil: results from the 2014 PNAUM survey. *Rev Saúde Pública*. 2016;50(suppl. 2).
4. Internet World Stats. Miniwatts Marketing Group. Population Statistics [Internet]. 2020 [cited in 2020 Feb. 10]. Available in: <https://www.internet-worldstats.com/stats.htm>
5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD Contínua TIC 2016: IBGE Notícias [Internet]. 2018 [citado em 2020 fev. 10]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens>
6. Silva TC, Silva K, Coelho MAP. O uso da tecnologia da informação e comunicação na educação básica. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*. 2016;5(1).
7. Pinto ACS, Scopacasa LF. Uso de Tecnologias da Informação e Comunicação na educação em saúde de adolescentes: revisão integrativa. *Rev Enferm UFPE online*. 2017;11(2):634-44.
8. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids On-line Brasil [Internet]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil; 2019 [citado em 2020 fev. 10]. Disponível em: <https://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2018>
9. Cálculo amostral: calculadora on-line [Internet]. [s.d.] [citado em 2019 abr. 05]. Disponível em: <https://comentto.com/calculadora-amostral/>
10. Silva IM, Catrib AMF, Matos VC, Gondim APS. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2011;16(suppl.1):1651-60.
11. Carmo NM Junior, Silva JRS. (In) visibilidade da escola na discussão sobre o uso racional de medicamentos. *Rev Contexto & Educação [Internet]*. 2017 [citado em 2020 out. 12]; 32(102):145-69. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6282>
12. Shehnaz SI, Agarwal AK, Khan N. A systematic review of self-medication practices among adolescents. *J Adolesc Health*. 2014;55(4):467-83.
13. Abrahão RC, Godoy JA, Halpern R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. *Aletheia [Internet]*. 2013 [citado em 2020 out. 12]; (41):134-53. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942013000200011&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000200011&lng=pt)
14. Pardo IMCG, Jozala DR, Carioca AL, Nascimento SRD, Santucci VCR. Automedicação: prática frequente na adolescência? Estudo em uma amostra de estudantes do ensino médio de Sorocaba. *Rev Fac Cien Med Sorocaba*. 2013;15(2):11-15.
15. Bora K, Das D, Barman B, Borah P. Are internet videos useful sources of information during global public health emergencies? A case study of YouTube videos during the 2015-16 Zika virus pandemic. *Pathog Glob Health*. 2018;112(6):320-8.
16. Basnet B, Bhattarai S, Khanal A, Upadhyay M, Baruwal A. Quality of YouTube patient information on prostate cancer screening. *Proc (Bayl Univ Med Cent)*. 2019;32(3):361-3.
17. Sinclair M, Lagan BM, Dolk H, McCullough JEM. An assessment of pregnant women's knowledge and use of the Internet for medication safety information and purchase. *J Adv Nurs*. 2018;74:137-47.
18. Gouverneur A, Bourenane H, Chung A, Daguerre C, Devarieux M, Malifarge L, et al. Comment le grand public utilise Internet pour rechercher des informations sur le médicament? *Therapies*. 2014;69(2):169-75.
19. Khalil C, Megaly M, Ekladios C, Ibrahim A, Mosleh W, Tawadros M, et al. Evaluation of YouTube

- as a reliable source for patient education on aortic valve stenosis. *Cardiovasc Diagn Ther*. 2019;9(4):371-8.
20. YouTube Insights [Internet]. [s.d.] [citado em 2019 set. 22]. Disponível em: <https://youtubeinsights.withgoogle.com/introducao>
21. García Jiménez A, Catalina García B, López de Ayala MC. Adolescents and Youtube: creation, participation and consumption. *Prisma Social* [Internet]. 2016 [cited in 2020 Oct. 12];(n. esp.):60-9. Available in: <https://revistaprismasocial.es/article/view/1314>
22. Trigo L. Youtubers da saúde: a informação de saúde sem mediação jornalística. *Comunicação & Inovação* [Internet]. 2018 [citado em 2020 out. 12]; 19(39):82-96. Disponível em: [http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/5031/2396](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5031/2396)
23. Madathil KC, Rivera-Rodriguez AJ, Greenstein JS, Gramopadhye AK. Healthcare information on YouTube: A systematic review. *Health Informatics J*. 2015;21(3):173-94.
24. Salvador PTCO, Costa TD, Gomes ATL, Assis YMS, Santos VEP. Segurança do paciente: caracterização de vídeos do YouTube. *Rev Gaúcha Enferm*. [Internet]. 2017 [citado em 2020 out. 12]; 38(1):e61723. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472017000100402&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472017000100402&lng=pt&tlng=pt)
25. Oliveira GV, Abreu PA. A divulgação de vídeos de anatomia do sistema nervoso central no YouTube. *Saúde e Pesq*. 2018;11(3):459-65.
26. Duke CH, Yin J, Zhang X, Blankenship EB, Akuse SE, Shah GH, et al. Adopting YouTube to promote health: analysis of state health departments. *Perm J*. [Internet]. 2019 [cited in 2020 Oct. 12]; 23:18-094. Available in: <http://www.thepermanentejournal.org/issues/2019/winter/6971-adopting-youtube-to-promote-health-analysis-of-state-health-departments.html>
27. Lema SHF. El uso de YouTube como herramienta para el desarrollo de habilidades sociales en adolescentes de 14 a 17 años [monografía]. Quito: Universidad San Francisco de Quito; 2018. 62 p.
28. Drozd B, Couvillon E, Suarez A. Medical YouTube Videos and Methods of Evaluation: Literature Review. *JMIR Med Educ*. 2018;4(1):e3.
29. Health on the Net Foundation. Código de conduta para sites web em Medicina e Saúde (HONcode) [Internet]. [s.d.] [citado em 2020 fev. 10]. Disponível em: <http://www.hon.ch/HONcode/Portuguese>
30. Ramos TB, Bokehi LC, Oliveira EB, Gomes MSA, Bokehi JR, Castilho SR. Informação sobre benzodiazepínicos: O que a internet nos oferece? *Cienc Saúde Colet*. 2020;25(11):4351-4360.